

FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICA PEDAGÓGICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM OFICINAS DIDÁTICAS NO PIBID.

Francisco Felipe Monteiro Alves¹

Maria Magnólia da Silva Freitas²

Lídia Noemia Silva dos Santos³

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre a formação docente e a prática pedagógica desenvolvida no âmbito do programa institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID), tendo como principal recurso pedagógico a realização de oficinas didáticas. O objetivo foi proporcionar aos licenciandos a vivência prática do ambiente escolar, permitindo a construção de saberes docentes a partir da interação direta com professores, alunos e a realidade da sala de aula. As oficinas foram planejadas pelos bolsistas, buscando integrar teoria e prática, e abrangeram estratégias de ensino diversificadas, com foco no desenvolvimento do pensamento crítico, na criatividade e no engajamento dos estudantes. Durante o processo, os bolsistas tiveram a oportunidade de aprimorar competências relacionadas à gestão da sala de aula, planejamento de atividades, avaliação do aprendizado e adaptação de metodologias de acordo com as necessidades dos alunos. A experiência favoreceu o fortalecimento da identidade profissional dos futuros professores, estimulando reflexões sobre o papel do educador na formação cidadã e na transformação social. Além disso, o trabalho colaborativo entre universidade e escola contribuiu para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, permitindo que a prática pedagógica fosse continuamente repassada e aprimorada. Como resultado, observou-se que a participação nas oficinas didáticas proporcionou aos licenciados maior segurança para atuar em sala de aula, bem como uma compreensão mais ampla dos desafios e possibilidades da docência. O relato evidencia, portanto, a relevância do PIBID como política pública de valorização da formação inicial de professores e destaca as oficinas didáticas como ferramentas eficazes para aproximar o licenciando da realidade educacional, promovendo uma formação mais completa e alinhada às demandas contemporâneas da educação básica.

Palavras-chave: Formação; Prática Pedagógica; Oficinas; PIBID; Educação Básica.

INTRODUÇÃO

¹ Francisco Felipe Monteiro Alves graduando do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará - UECE, felipinho.monteiro@aluno.uece.br

² Maria Magnólia da Silva Freitas graduanda do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará - UECE, maria.magnolia@aluno.uece.br;

³ Lídia Noemia Silva dos Santos doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, lidia.noemias@uece.br;

A formação inicial de professores, especialmente no campo das licenciaturas, requer vivências que articulem a teoria estudada na universidade com a prática educativa cotidiana nas escolas públicas. Nesse processo, iniciativas como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) desempenham papel fundamental ao oportunizar que os licenciandos desenvolvam competências didáticas em situações reais de ensino, ampliando sua compreensão sobre o papel social do professor e sobre as múltiplas dimensões da docência.

Dentre as estratégias metodológicas utilizadas no contexto do PIBID, a aula-oficina tem se destacado como uma prática pedagógica centrada na construção coletiva do conhecimento e na valorização da participação ativa dos estudantes. Como aponta Dias (2014), a metodologia da oficina se alinha aos pressupostos do construtivismo, pois parte das ideias prévias dos alunos, promove situações de investigação, cooperação e reflexão, e transforma a sala de aula em um espaço dialógico e problematizador. No ensino de História e áreas afins, essa abordagem favorece o engajamento crítico dos estudantes com os conteúdos e com a realidade social que os cerca.

Este trabalho apresenta um relato de experiência vivenciado por bolsistas do PIBID vinculados ao curso de licenciatura em História, da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), a partir da realização de oficinas didáticas em uma escola pública de educação básica, durante a execução de uma disciplina eletiva voltada à educação para as questões étnico-raciais, indígenas e quilombolas (ERIQ). As oficinas foram desenvolvidas com o objetivo de promover um espaço de diálogo e valorização das identidades culturais afro-brasileiras e indígenas, contribuindo para o enfrentamento do racismo estrutural e da invisibilidade histórica desses grupos no currículo escolar.

A experiência foi planejada a partir de um pedido da professora supervisora para a bolsista Maggie Freitas, na qual a mesma esteve auxiliando, envolvendo a seleção de conteúdos do livro que foi disponibilizado pela própria escola, elaboração de materiais didáticos como slides, definição das dinâmicas e avaliação da participação dos estudantes. Inspirados em práticas já desenvolvidas no âmbito do PIBID, como a oficina “Onde você guarda seu racismo?” (Guimarães, 2018), buscou-se criar ambientes que estimulassem a

escuta, a empatia e a reflexão crítica sobre o cotidiano escolar e as relações sociais marcadas por preconceitos e estereótipos.

Um dos objetivos principais da oficina foi a problematização das formas cotidianas de preconceito e racismo, que muitas vezes não são percebidas enquanto tais dadas às estratégias de invisibilidade e ocultação engendradas nas próprias relações sociais e que se reproduzem na escola.(Guimarães, 2018, p. 8).

Sabe-se que a grade curricular não aborda de maneira tão detalhada sobre os povos originários e, principalmente, sobre a diversidade das etnias existentes de populações indígenas e negras. Muitas vezes, as escolas se contentam com datas comemorativas e não tocam em pontos como preconceito e discriminação. A partir do material didático que foi fornecido aos bolsistas, buscaram propôr uma aula explicativa e mais dinâmica, fornecendo atividades que pudessem despertar o interesse e a curiosidade de cada um dos alunos.

Os resultados observados revelaram que as oficinas permitiram aos alunos do ensino fundamental expressarem suas percepções, revisarem crenças naturalizadas, ampliarem sua consciência sobre a diversidade étnico-racial brasileira e se aprofundarem na história e cultura dos povos originários, além de adentrar de forma mais profunda na cultura dos povos originários. Para os licenciandos, a experiência representou um momento formativo decisivo, em que foi possível exercitar a prática docente e gestão da sala de aula, planejamento de atividades, avaliação do aprendizado e adaptação de metodologias de acordo com as necessidades dos alunos. A experiência favoreceu o fortalecimento da identidade profissional dos futuros professores, estimulando reflexões sobre o papel do educador na formação cidadã, na construção de uma educação antirracista e na transformação social. Além disso, ainda possibilitou a percepção da necessidade de estudar e problematizar o ensino da história e cultura indígena e afro-brasileira, ou a falta dele.

(...)escolas públicas(...)realizam atividades em torno do tema da abolição da escravidão, quase sempre destacando as contribuições para a cultura e a culinária brasileira, sendo que raramente tocam em temas tabus como o preconceito e a discriminação raciais. (Guimarães, 2018, p. 8)

Conclui-se, portanto, que a utilização de oficinas didáticas no contexto do PIBID configura-se como uma potente ferramenta de formação docente, especialmente quando voltada a temas sensíveis e historicamente marginalizados, como é o caso da ERIQ. A

experiência relatada demonstra que é possível, ainda na formação inicial, promover práticas educativas comprometidas com a equidade, o respeito à diversidade e a transformação social. Além disso, a experiência permitiu analisar criticamente as atividades propostas nos materiais didáticos da eletiva e refletir sobre possibilidades de ampliá-las, de modo a incluir com maior profundidade os temas sociais que emergem no contexto escolar.

METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como um relato de experiência, de natureza qualitativa, e foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), por licenciandos do curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), vinculada à Universidade Estadual do Ceará (UECE). A prática pedagógica ocorreu ao longo do ano de 2025, em uma escola pública de ensino fundamental E.E.F. José Jucá, localizada na cidade de Quixadá, durante a realização de uma disciplina eletiva com foco na Educação para as Relações Étnico-Raciais, Indígenas e Quilombolas (ERIQ).

Esse trabalho consistiu na elaboração de oito oficinas para turmas do 6º ao 9º ano e aplicação de uma delas nas turmas de 6º anos, com o objetivo de promover um espaço de conhecimento e valorização das identidades culturais afro-brasileiras e indígenas, por meio de atividades que articulassem conteúdo histórico, metodologias participativas e reflexão crítica. A apresentação das oficinas foram planejadas coletivamente entre os bolsistas e a professora supervisora, Aglaízia Marinho, responsável pela mediação com os estudantes e pelo acompanhamento das ações pedagógicas desenvolvidas durante a elaboração e a aplicação nas salas de aula, considerando os objetivos da eletiva, o perfil da turma e os recursos disponíveis.

Para a construção das oficinas, foi utilizado como base um livro didático *Minha África brasileira e povos indígenas*, de Julia Rany Campos Freitas Pereira Uzun (2022), disponibilizado pela própria escola, apresentado na Figura 1. A partir desse material, os bolsistas organizaram uma sequência de atividades, que incluiu apresentações expositivas (via slides), leituras comentadas, discussões em grupo, além de dinâmicas lúdicas, como a simulação da marcação do tempo pelos povos originários a partir da posição do sol, a fim de estimular o interesse dos alunos e conectar saberes tradicionais com o cotidiano escolar.

Nessa atividade, foram utilizados dois palitos de churrasco, que foram unidos com uma folha A4 e fixados em outra base de papel. Com o auxílio da luz solar, essa montagem permitiu simular a marcação das horas, como faziam tradicionalmente os povos originários. Esse momento foi representado na figura 2.

Durante a elaboração das oficinas, os autores deste relato notaram que a obra, voltada para o ensino fundamental, apresenta conteúdos organizados de forma acessível e interativa, combinando textos explicativos, imagens ilustrativas, propostas de atividades resolutivas e lúdicas. Logo na apresentação, a autora destaca que o objetivo da coleção é levar os alunos a reconhecerem “a importância de valorizar a ancestralidade e as tradições vindas das comunidades indígenas e africanas”, reforçando que conhecer esses povos “é reconhecer a nossa própria origem, valorizar nossos antepassados e celebrar as heranças étnicas e culturais que legaram para nosso presente”. Essa abordagem foi essencial para estimular o interesse dos estudantes, que se mostraram participativos, curiosos e engajados ao longo das atividades propostas. As temáticas presentes no sumário — como a percepção do tempo nas sociedades indígenas, os povos do norte da África, os reinos de Axum e os primeiros habitantes do território — possibilitaram conexões com aspectos históricos e culturais muitas vezes invisibilizados no currículo tradicional.

No entanto, apesar da riqueza do material, observamos que há ainda a necessidade de ampliar o tratamento crítico dessas temáticas, superando a simples exposição de fatos históricos e promovendo uma reflexão mais aprofundada sobre as estruturas de desigualdade e as formas contemporâneas de preconceito que afetam os povos afrodescendentes e indígenas. A vivência reforçou, portanto, a importância de trabalhar essas temáticas não apenas como conteúdo curricular, mas como parte de uma formação cidadã crítica, antirracista e socialmente comprometida.

O planejamento e a execução das oficinas permitiram que os licenciandos exercitassem habilidades relacionadas à gestão da sala de aula, adaptação metodológica, elaboração de materiais e avaliação das respostas dos alunos às atividades propostas. As observações sobre a participação dos estudantes, as conversas com a professora supervisora e os registros das oficinas serviram de base para a sistematização desta experiência. Como técnicas de registro da experiência, foram utilizados registros fotográficos das atividades.

Vale ressaltar que os dados produzidos não incluíram informações sensíveis dos estudantes, e os nomes dos participantes foram preservados em todo o processo de escrita do trabalho, garantindo o anonimato e o respeito aos sujeitos envolvidos.

Assim, a metodologia adotada reflete os princípios da formação docente em serviço, combinando teoria e prática, planejamento colaborativo, protagonismo discente e reflexão crítica sobre o processo educativo, em conformidade com os objetivos do PIBID e da formação inicial de professores comprometidos com a transformação social.

Figura 1: Capa do livro *Minha África brasileira e povos indígenas*, de Julia Rany Campos Freitas Pereira Uzun (2022).



Fonte: Acerto dos bolsistas do PIBID, 2025

Figura 2: Dinâmica sobre o tempo e a observação solar nas culturas indígenas.



Fonte: Acervo dos bolsistas do PIBID, 2025

REFERENCIAL TEÓRICO

As oficinas pedagógicas, enquanto estratégia de ensino-aprendizagem, têm se mostrado um recurso metodológico capaz de articular teoria e prática, estimulando a participação ativa dos estudantes e a construção coletiva do conhecimento. Dias (2014) defendem que a metodologia da aula-oficina rompe com o modelo tradicional expositivo,



favorecendo o diálogo e a interação, além de valorizar os saberes prévios dos participantes. Nesse formato, a sala de aula é concebida como um espaço dinâmico e colaborativo, onde o protagonismo discente é central para o desenvolvimento das atividades.

Paviani e Fontana (2009) destacam que as oficinas permitem articular momentos de ação e de reflexão, favorecendo a construção do conhecimento de forma mais contextualizada e com significado para quem aprende. Em sua experiência com professores do ensino fundamental, a autora destacou a importância do planejamento flexível e atento às necessidades dos participantes, o que contribuiu para maior engajamento e para a busca de soluções inovadoras para desafios pedagógicos. Essa perspectiva é reforçada por , ao afirmarem que “o professor ou coordenador da oficina não ensina o que sabe, mas vai oportunizar o que os participantes necessitam saber” (Paviani e Fontana, 2009, p. 79), evidenciando que a centralidade da oficina está no aprendiz e em seus interesses, valores e necessidades.

Outro ponto importante levantado pelas autoras (2009) diz respeito à possibilidade de integração entre profissionais de diferentes áreas, favorecendo práticas interdisciplinares e ampliando a compreensão dos conteúdos trabalhados. Essa abordagem dialoga com Dias (2014), que comprehende a aula-oficina como um espaço saudável e motivador, pautado no respeito, na solidariedade e na escuta, promovendo tanto o trabalho coletivo quanto individual. A autora, citando Cuberes (apud Vieira & Volquind, 2002, p. 11), lembra que “a oficina é uma modalidade de ação, que necessita promover a investigação, a ação, a reflexão; combinar o trabalho individual e tarefa socializada; garantir unidade entre a teórica e a prática”.

No entanto, Dias (2014) também alerta para os desafios que esse formato pode enfrentar, especialmente em turmas heterogêneas ou com alunos que apresentam necessidades educacionais específicas, pois diferenças de ritmo de aprendizagem podem exigir maior atenção individual do professor para que nenhum estudante seja excluído do processo. Essa observação é particularmente relevante quando se considera o contexto do PIBID, em que os bolsistas lidam com turmas diversas e precisam adaptar suas metodologias para garantir a inclusão e a participação de todos.



Dessa forma, o referencial teórico aqui adotado sustenta a compreensão de que as oficinas pedagógicas são mais do que uma técnica de ensino — tratam-se de uma prática formativa que favorece a construção de saberes de forma colaborativa, crítica e significativa. Ao priorizar a escuta, a interação e o protagonismo discente, elas contribuem tanto para a formação inicial de professores quanto para a qualificação da aprendizagem na educação básica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação das oficinas didáticas no contexto do PIBID gerou uma série de observações que foram sistematizadas em três categorias principais: Participação e engajamento dos alunos, Potencial da metodologia da oficina para o ensino de história étnico-racial, e Impactos formativos na prática docente dos licenciandos.

Com relação a participação e engajamento dos alunos, os dados empíricos revelaram um alto grau de participação e interesse por parte dos alunos do 6º ano, sobretudo durante as atividades práticas e dinâmicas lúdicas. A oficina que abordou a forma como os povos indígenas marcavam o tempo com base na observação do sol despertou curiosidade e entusiasmo, tanto pela novidade do conteúdo quanto pela proposta interativa. Os alunos participaram ativamente da atividade, fizeram perguntas e comentaram com os bolsistas como aquela aula foi interessante. A experiência, ainda que breve, revelou o impacto positivo das oficinas didáticas na formação dos licenciandos e na vivência dos alunos da educação básica. O interesse demonstrado pelos estudantes, especialmente durante a dinâmica sobre a marcação do tempo pelas sociedades indígenas, e o acolhimento caloroso à equipe de bolsistas, evidenciam como práticas pedagógicas sensíveis e culturalmente significativas podem despertar engajamento e afetividade. O convite espontâneo para que os bolsistas retornassem à sala de aula reforça o valor dessas experiências como parte de um processo educativo mais humanizado, dialógico e transformador. Essa receptividade indica que metodologias ativas, como a aula-oficina, promovem maior aproximação entre o conteúdo histórico e a vivência cotidiana dos estudantes, conforme destaca Dias (2014), ao afirmar que a oficina transforma a sala de aula em um espaço dialógico e significativo.

Quando se trata sobre o potencial da metodologia da oficina para o ensino de história étnico-racial, percebe-se que, a partir da experiência relatada, observa-se que a metodologia da oficina favoreceu a aproximação entre os temas propostos pela disciplina eletiva (ERIQ) e a realidade escolar. As atividades permitiram tratar conteúdos como ancestralidade, diversidade étnica e formas tradicionais de conhecimento de modo acessível e envolvente, rompendo com a abordagem tradicional centrada apenas na transmissão de dados históricos. Embora o material didático utilizado apresente contribuições relevantes, foi possível perceber que há necessidade de complementá-lo com estratégias pedagógicas que despertem a criticidade e estimulem os alunos a refletirem sobre preconceitos naturalizados. Essa observação vai ao encontro de Guimarães (2018), que alerta para a reprodução do racismo nas práticas escolares cotidianas, muitas vezes de forma velada ou simbólica.

Por fim, os impactos formativos na prática docente dos licenciandos representou uma experiência pedagógica decisiva para os bolsistas do PIBID. O planejamento, a organização dos materiais, a execução da aula e a observação das reações dos alunos permitiram aos licenciandos vivenciarem de maneira concreta os desafios e potencialidades da docência. Foi necessário adaptar linguagem, lidar com imprevistos, responder a perguntas. Essa vivência está alinhada às competências profissionais descritas por Perrenoud (2001), que entende a prática docente como um processo dinâmico e reflexivo.

Além disso, a parceria com a professora supervisora contribuiu para que os bolsistas desenvolvessem uma boa oficina e aplicação da mesma, como também, compreendessem melhor a estrutura escolar e os desafios enfrentados pelos docentes da educação básica no trato com temas étnico-raciais. A aproximação com o material da eletiva também despertou nos licenciandos a percepção da importância de analisar criticamente os recursos didáticos disponíveis e de propor abordagens mais sensíveis à pluralidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste trabalho evidenciou a relevância das oficinas didáticas como instrumento de formação docente e de promoção de uma educação mais crítica e inclusiva. A abordagem de temas ligados às relações étnico-raciais, por meio de metodologias

ativas no contexto do PIBID, favoreceu tanto o engajamento dos alunos da educação básica quanto o desenvolvimento profissional dos licenciandos.

A oficina aplicada demonstrou que práticas pedagógicas sensíveis à diversidade cultural despertam interesse, participação e afetividade por parte dos estudantes, além de permitir reflexões importantes sobre identidade, pertencimento e racismo. Para os bolsistas, a vivência proporcionou contato direto com os desafios da prática docente e reforçou a importância de integrar teoria e prática na formação inicial.

A experiência também apontou a necessidade de aprofundar criticamente os conteúdos trabalhados em sala de aula, superando abordagens informativas e pontuais. Por isso, sugere-se o fortalecimento da formação docente voltada à educação para as relações étnico-raciais e a ampliação de pesquisas que investiguem metodologias eficazes nesse campo, como as oficinas, contribuindo com a comunidade científica e com a qualidade da educação básica no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão a todos os alunos que, de alguma forma, fizeram parte deste processo de aprendizado. Agradecemos especialmente à professora e supervisora Aglaizá Marinho, por toda a sua dedicação, paciência e apoio ao longo do desenvolvimento das oficinas. Somos gratos pelo espaço que nos foi concedido para aprimorar nossas técnicas de ensino e nossa gestão em sala de aula, reconhecendo sempre a importância do compromisso com a educação.

REFERÊNCIAS

- DIAS, Liliana Eliete dos Santos Patrício. A metodologia da aula-oficina no ensino de História e Geografia. *Revista Sala de Aula*, v. 13, n. 29, 2014;
- GUIMARÃES, Bárbara Kércia Nogueira et al. A utilização de oficinas como estratégia de ensino de história: relato de uma experiência realizada pelo subprojeto de História do PIBID/CAPES/UECE. *Embornal - Revista da Associação Nacional de História – Seção Ceará*, Fortaleza, vol. IX, nº 18, jul./dez. 2018.



11

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONATANA, Niura Maria Fontana. Conjectura, Neires M. S. Paviani e Niura M. Fontana , v. 14, n. 2, maio/ago. 2009.

